“Olha a cobra!”- O efeito da educação ambiental na formação de alunos ativos na conservação das serpentes

B. Haddad Rodrigues Alves, *Escola da Serra, E-mail: lavinplayer@gmail.com*
Sofia Velasquez Martins, *Escola da Serra, E-mail: sofiavm.bio@gmail.com*
Dagmar Patricia Mc Quade, *Escola da Serra, E-mail: Escola da Serra, E-mail: patricia.quade@escoladaserra.com.br*

Categoria: D

Palavras-chave: Educação Ambiental. Serpentes. Medo. Conservação. Biodiversidade.

Resumo expandido

Este trabalho nasceu de um interesse pessoal: a mãe do autor sempre teve medo de serpentes, o que despertou sua curiosidade sobre a origem desse sentimento. A partir dos estudos em ecologia, o autor também aprendeu que o preconceito e o medo em relação às serpentes frequentemente levam à sua matança indiscriminada, prejudicando a biodiversidade. A partir desta observação, levantou-se a questão central que orientou o trabalho: a educação ambiental pode transformar o medo em conhecimento e, consequentemente, em ações de conservação?

Buscando responder à estas questões, a pesquisa aqui descrita foi concebida e executada por um único estudante do ensino médio, como um produto do programa de projetos avançados em biologia e de seu desejo de combater a desinformação na escola. Para isso, o projeto foi dividido em três etapas, seguindo um **delineamento pré-teste e pós-teste**. Inicialmente, aplicamos um **questionário** (pré-teste) a 30 estudantes do 2º ciclo da Escola da Serra, com idades entre 9 e 12 anos. O questionário, composto por 11 perguntas, buscou

avaliar o nível de conhecimento, a percepção e o medo inicial dos participantes em relação às serpentes.

Em seguida, o autor ministrou uma **palestra de educação ambiental** com duração de 40 minutos para o mesmo grupo de estudantes. O conteúdo abordou a origem e evolução das serpentes, suas adaptações, o combate a *fake news* e a importância ecológica desses répteis. Após a intervenção, os estudantes responderam novamente ao mesmo questionário (pós-teste). Com os dados já coletados, realizamos um estudo sobre tratamento de dados e uso de planilhas e, utilizando estes conhecimentos, buscamos identificar se a intervenção realizada foi suficiente para mudar as percepções dos alunos e promover sua conscientização. A análise foi qualitativa e quantitativa, comparando porcentagens e a frequência das respostas. A pesquisa também incluiu visitas técnicas à Fundação Ezequiel Dias, ao criatório do Jibóias Brasil e uma entrevista com o curador das coleções de Herpetologia do Centro de Coleções Taxonômicas da UFMG, Thiago de Carvalho.

A análise dos questionários revelou resultados complexos. Embora a associação do medo às serpentes não tenha se alterado após a palestra, foram observadas mudanças significativas e positivas nas **atitudes e comportamentos** que os alunos adotariam em caso de encontro com uma serpente. Antes da palestra, **33,3%** afirmaram ter medo de serpentes. Após a palestra, essa **porcentagem não se alterou**, indicando que **a intervenção educativa não afetou a percepção subjetiva de medo**. Essa constatação sugere que o medo pode não ser fruto apenas de uma falta de conhecimento, ou mesmo que uma única intervenção não é suficiente para alterar este cenário.

Apesar do descrito acima, a análise das ações que os estudantes adotariam ao encontrar uma serpente revelou uma mudança positiva: a intenção de **matar** uma serpente diminuiu em 13,3%. O comportamento de **evitação** também apresentou uma redução de 6,6%, caindo de 33,3% para 26,7%. A opção de **chamar um responsável** aumentou em 6,7%, passando de 46,7% para 53,3%. Uma mudança notável foi o surgimento da opção "**ligar para instituições responsáveis pelo resgate**", que não havia sido citada por nenhum aluno no pré-teste e agora representa 13,3% das respostas. Esses resultados são de extrema importância, pois demonstram que, mesmo sem eliminar o medo, a educação ambiental pode canalizar esse sentimento para atitudes mais seguras e ecologicamente responsáveis.

A disposição para ter uma serpente como pet também mudou após a palestra, aumentando em 23,3%. A porcentagem de alunos que considerava essa opção saltou de 20% para 43,3%. Esse dado é um forte indicativo de que a palestra conseguiu desconstruir a imagem da serpente como um **animal puramente perigoso**, abrindo espaço para uma nova percepção.

De posse destes resultados, concluímos que a educação ambiental não atua apenas na eliminação de medos ou preconceitos, mas principalmente na **transformação de comportamentos**, mesmo que sentimentos iniciais, como o medo, persistam. Adicionalmente, constatamos que uma intervenção liderada por um aluno do ensino médio é capaz de influenciar positivamente a construção da consciência ambiental de seus pares. É fundamental, no entanto, reconhecer as **limitações metodológicas** deste estudo, como a amostragem reduzida e pouco diversa. Os dados, portanto, não podem ser generalizados, mas servem como um importante estudo de caso que aponta a eficácia de ações educativas escolares e abrem espaço para novas pesquisas.

Referências

JERONIMO, B. C. **A educação ambiental na preservação de serpentes.** 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Ciências Biológicas) – Universidade Estadual Paulista, Botucatu.

MARQUES, O. A. V.; MEDEIROS, C. R. **Nossas Incríveis Serpentes.** São Paulo: Editora Ática, 2018.

PONTES, B. E. S.; SIMÕES, C. R. M. A.; VIEIRA, G. H. C.; ABÍLIO, F. J. P. **Serpentes no Contexto da Educação Básica: sensibilização ambiental em uma escola pública da Paraíba.** Experiências em Ensino de Ciências v.12, n.7., p.79-99, 2017.